

A voz da audiência: histórias da cultura popular transpostas para podcasts a partir de relatos de ouvintes

La voz de la audiencia: historias de la cultura popular transpuestas a podcasts a partir de relatos de oyentes

The voice of the audience: popular culture stories transposed to podcasts based on audience accounts

MARILAINÉ MARTINS 1¹, LETÍCIA PORFÍRIO 2²

Resumo: Este trabalho investiga o processo de transposição de narrativas da cultura popular para a paisagem digital, realizado a partir da participação da audiência. Adota a perspectiva teórica da folkcomunicação (Beltrão, 2001), articulada aos conceitos de hibridação cultural (Canclini, 2003) e cultura participativa (Jenkins, 2006), com o objetivo de analisar episódios do podcast *Poranduba*. Os resultados destacam como a transposição para o ambiente digital a partir dos relatos da audiência não apenas ressignifica as narrativas tradicionais, mas também reforça a hibridação cultural no contexto digital como potencializadora de conexões e da valorização da cultura popular.

Palavras-chave: Transposição de narrativas tradicionais; Podcast; Folkcomunicação.

Resumen: Este trabajo investiga el proceso de transposición de narrativas de la cultura popular al entorno digital a partir de la participación de la audiencia. Adopta la perspectiva teórica de la

¹ Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Email: mari.mcamargo@gmail.com.

² Doutoranda em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Professora do Curso Superior de Tecnologia em Marketing Digital do Centro Universitário UNINTER. Email: leti.porf@gmail.com.

folkcomunicação (Beltrão, 2001), articulada a los conceptos de hibridación cultural (Canclini, 2003) y cultura participativa (Jenkins, 2006), con el objetivo de analizar episodios del pódcast Poranduba. Los resultados destacan cómo la transposición al entorno digital a partir de los relatos de la audiencia no solo resignifica las narrativas tradicionales, sino que también refuerza la hibridación cultural en el contexto digital como potenciadora de conexiones y de la valorización de la cultura popular.

Palabras clave: Transposición de narrativas tradicionales; Pódcast; Folkcomunicação.

Abstract: This paper investigates the process of transposing popular culture narratives to the digital landscape through audience participation. It adopts the theoretical perspective of folkcommunication (Beltrão, 2001), articulated with the concept of cultural hybridization (Canclini, 2003) and participatory culture (Jenkins, 2006), to analyze episodes of the Poranduba podcast. The results highlight how the transition to the digital environment, based on audience accounts, not only reinterprets traditional narratives but also reinforces cultural hybridization in the digital context as a catalyst for connection and the appreciation of popular culture.

Keywords: Transposition of traditional narratives; Podcast; Folkcommunication.

Introdução

A ascensão das tecnologias digitais desencadeou transformações fundamentais nas formas como nos relacionamos com nossa própria cultura (CASTELLS, 1999). Narrativas culturais digitalizadas redefinem os espaços de expressão e identificação cultural, possibilitando que histórias da tradição oral e experiências antes compartilhadas em âmbitos familiares e regionais alcancem novos espaços e sejam compartilhadas de maneiras antes inimagináveis. Mudança essa, que não apenas amplia o alcance de tais narrativas, mas também desafia noções estabelecidas entre o tradicional e o moderno, o popular e o erudito, o local e o global, além de tensionar a noção de pertencimento.

Segundo Trigueiro (2008), em um mundo globalizado não existe um conflito direto entre as culturas locais e globais; as duas esferas estão sendo constantemente reconfiguradas, criando uma nova realidade, influenciadas significativamente pelos avanços das novas tecnologias. Assim, ainda que a inserção dessas histórias no mundo tecnomidiático lhes ofereça um novo formato e a possibilidade de que habitem o mesmo espaço que uma vasta

gama de conteúdos, o interesse por elas não se esvai. A paisagem digital se torna uma extensão que permite a continuidade de um processo que já ocorria ao longo das gerações: a adaptação e a ressignificação das histórias de tradição oral.

Considerando a oralidade enquanto forma tradicional para transmissão das histórias ao longo das gerações, a linguagem oral predominante na transmissão da mensagem na modalidade dos podcasts e a relação histórica de interação do ouvinte com as programações radiofônicas, compreende-se o podcast como um objeto relevantes para a investigação pretendida. Assim, a questão central que orienta esse artigo é: como a transposição de histórias da tradição oral para o ambiente digital, mediada pela participação ativa da audiência e pelo uso de plataformas e redes sociais digitais, reconfigura as práticas de transmissão e recepção dessas histórias? Com o objetivo de compreender como são realizadas essas interações e como a voz da audiência se manifesta na narrativa digital, as redes sociais digitais passam a ser consideradas também como objeto de análise do presente estudo.

Com base na definição do podcasting como uma modalidade radiofônica de produção sob demanda (KISCHINHEVSKY, 2024), a análise se desenvolve em articulação com a cultura da convergência proposta por Jenkins (2006), evidenciando os modos de participação e circulação dos conteúdos digitais. A esse referencial, soma-se a discussão sobre a inserção de manifestações da cultura popular no ambiente tecnomidiático, mobilizando a teoria da folkcomunicação, proposta por Beltrão (2001), a perspectiva da folkmídia, desenvolvida por Trigueiro (2008), e o conceito de hibridação cultural formulado por Canclini (2003). Esses aportes teóricos orientam a análise dos episódios e estruturam os eixos interpretativos desenvolvidos.

Após a identificação de produções com episódios construídos com a participação da audiência, delimitou-se como corpus de análise os episódios 'Causos de Saci' e 'Causos de Lobisomem', do podcast *Poranduba*. O procedimento metodológico adotado foi a análise de conteúdo, buscando compreender de que modo as narrativas digitais mobilizam repertórios culturais compartilhados e ressignificam práticas de escuta, participação e transmissão oral no ambiente digital.

Transposição de narrativas da cultura popular para podcasts

Ao longo da história da humanidade, os contadores de histórias desempenharam o papel de conduzir indivíduos por jornadas imaginárias, guiando aqueles que jamais abandonaram suas próprias terras (BENJAMIN, 1987). No cenário contemporâneo tecnomidiático, caracterizado pela capacidade de “representar espaços navegáveis” (MURRAY, 2003, p. 84), a metáfora do timoneiro emerge como uma figura ambígua nos ambientes digitais, onde narrativas multifacetadas se convergem e plataformas digitais expandem as possibilidades e formas de se contar uma história. Essas novas tecnologias tornam possível uma forma de imersão complexa, na qual o ouvinte pode se perder em camadas narrativas entrelaçadas e em constante expansão.

Estruturas labirínticas como a enfrentada por Teseu, a complexidade dos hipertextos e as interações com personagens computadorizados, embora limitadas por uma capacidade de linguagem reduzida, já não são novidades. Em seu livro *Hamlet no Holodeck*, lançado em 2003, Murray compila as principais referências da narrativa interativa até aquele momento e se dedica a investigar o que desperta o interesse por essas novas tecnologias. “Achamos os ambientes procedimentais atraentes não apenas porque eles exibem comportamentos gerados a partir de regras, mas também porque podemos induzir o comportamento” (2003, p. 80). Isso nos coloca como participantes diretos de uma narrativa que, embora dirigida por um contador invisível, permite a coautoria e a personalização da experiência.

Portanto, a participação do público como agente ativo nas narrativas digitais é influenciada pelo nível de desenvolvimento e pela democratização das tecnologias relacionadas ao formato de mídia específico. As narrativas radiofônicas servem como exemplo, que historicamente contaram com a participação do ouvinte em sua grade de programação. Como destaca Viana (2023): “apropria-se de estratégias além do sonoro para proporcionar a participação do ouvinte com o objetivo de proporcionar a participação do ouvinte, seja ela de forma direta, por meio da interação, ou indireta, por meio das escolhas relacionadas ao consumo das produções” (p. 205-206).

Ao utilizar as plataformas digitais como suporte, o rádio expande suas capacidades (KISCHINHEVSKY, 2024) e o podcast se desenvolve como uma modalidade que funde técnicas tradicionais de produção sonora e novas possibilidades narrativas proporcionadas pela tecnologia. Ao analisar o que define como “segunda era do podcasting”, Bonini (2020) argumenta que o formato se encontra em uma fase na qual deixa de ser uma extensão do rádio

e se torna um mercado próprio e profissionalizado. Mais tarde, o autor define o podcast como “uma forma cultural nova e híbrida, que se baseia não apenas no rádio, mas também no teatro, nas artes cênicas, no design e na cultura da Internet” (BONINI, 2022, apud KISCHINHEVSKY, 2024, p. 37).

Nesse contexto, compreende-se como relevante refletir sobre três dos cinco aspectos tratados por Kischinhevsky (2024) na discussão em torno da cultura do podcast. Durante as duas primeiras décadas que marcaram o surgimento e desenvolvimento do podcasting, a diversidade e profissionalização do formato reconfiguraram a forma como os conteúdos são produzidos e consumidos. Ao analisarem os 50 podcasts mais ouvidos nos agregadores Spotify, Google Podcasts e Apple Podcasts, Viana e Chagas (2024) propuseram pensar as produções nacionais a partir das oito categorias a seguir: relato; debate; narrativas da realidade; entrevista; instrutivo; narrativas ficcionais; noticiosos; remediados. Outras propostas de categorização, como a de Trinca e Figueiredo (2022), observam as produções a partir de categorias maiores: conversados (mesacast e entrevista) e seriados (jornalísticos e narrativos). Mas em todas, a participação da audiência encontra-se difusa entre a inserção de trilhas sonoras que compõem as narrativas, envio de histórias, sugestão de temas ou comentários pelos sites de redes sociais, ou então, sendo o tema central da narrativa elaborado a partir de uma história (da audiência) dramatizada.

As vozes representadas nos podcasts são outro tópico levantado na discussão sobre a cultura do podcast. “As narrativas midiáticas trazem valores, e visões de mundo, que podem ter profundo impacto em nossos processos de subjetivação, e de nossa formação como sujeitos” (KISCHINHEVSKY, 2024, p. 91). Assim, a diversidade e a representação de vozes diversas que não reiterem estereótipos são essenciais.

Por fim, as novas formas de consumo e interação com o conteúdo produzido, proporcionadas pelas plataformas e sites de redes sociais digitais, têm como sua principal característica a flexibilidade de acesso: possibilidade de downloads dos conteúdos ou acesso via streaming, capacidade de engajamento em comunidades de fãs e grupos de discussão, ou ainda, circulação de trechos, comentários, vídeos curtos e outros desdobramentos que reverberam nas redes sociais digitais.

Cultura participativa

Como mencionado anteriormente, diversos modelos de podcast adotam formatos que incentivam a participação ativa do público, seja por meio do envio de histórias, comentários ou interações diretas com os produtores de conteúdo. Essa dinâmica reflete o conceito de “cultura da participação”, descrito por Jenkins (2006), no qual o consumidor deixa de ser um mero receptor passivo de informações e passa a desempenhar um papel ativo na construção da narrativa midiática.

No contexto da convergência midiática, Jenkins (2006) argumenta que a participação do público não é apenas uma tendência, mas um elemento essencial da nova ecologia da comunicação. A divisão tradicional entre produtor de conteúdo e espectador torna-se cada vez mais fluida, permitindo que os consumidores também assumam funções de criadores, comentadores e disseminadores de informação. Nesse sentido, o ouvinte de um podcast que contribui com relatos pessoais, interage em comunidades digitais associadas ao programa e compartilha episódios em redes sociais, não apenas consome o conteúdo, mas também influencia sua construção e circulação. Um processo essencial na mente do consumidor também é sentir que o seu relato importa e que deve ser compartilhado com mais pessoas.

Nem todos os membros devem contribuir, mas todos precisam acreditar que são livres para contribuir quando estiverem prontos e que suas contribuições serão devidamente valorizadas. Assim, muitos vão se envolver mais superficialmente, alguns vão cavar mais fundo, e outros ainda vão dominar as habilidades que são mais valorizadas dentro da comunidade. A própria comunidade, no entanto, fornece fortes incentivos para a expressão criativa e a participação ativa (Jenkins, 2006, p. 6).

A interatividade proporcionada pelos podcasts exemplifica essa mudança estrutural na mídia contemporânea, na qual o público não apenas absorve as narrativas, mas colabora ativamente para sua ampliação e ressignificação. Esse fenômeno demonstra como a convergência de mídias não se limita à integração tecnológica, mas envolve também uma mudança cultural e comportamental dos consumidores, que passam a atuar como agentes participativos no ecossistema digital.

A transposição das narrativas populares para o ambiente digital também amplia o alcance de expressões culturais tradicionalmente restritas a contextos locais. Nesse sentido, a cultura participativa possibilita que lendas, mitos e manifestações do folclore regional ganhem novas dimensões ao serem disseminados em plataformas digitais na World Wide Web. O envolvimento da audiência nesse processo, seja por meio do compartilhamento de relatos

peçoais, adaptações multimídia ou discussões em comunidades online, contribui para a ressignificação dessas histórias, trazendo/dando à elas novos formatos. Dessa forma, a convergência midiática potencializa culturas populares muitas vezes marginalizadas, garantindo sua circulação em um cenário globalizado, sem que percam sua identidade e significados.

Folkcomunicação, hibridação cultural e a paisagem digital

Ao longo do século XX, autores como Walter Ong e Marshall McLuhan destacaram a relação entre tecnologias da comunicação e transformações culturais, enfatizando como diferentes mídias influenciam os modos de expressão e a construção de identidades. No Brasil, Luiz Beltrão desenvolveu, nesse mesmo período, uma proposta própria ao investigar como lideranças de comunidades marginalizadas atuavam como mediadoras das mensagens da grande mídia. Esses agentes (que mais tarde seriam denominados com agentes folkcomunicacionais) desempenhavam um papel fundamental na apropriação e ressignificação das mensagens midiáticas, tornando-as compreensíveis e relevantes para os grupos populares (MARQUES DE MELO, 2018).

Com base nessas observações empíricas, Beltrão propõe, na década de 1960, a sistematização da folkcomunicação como um campo de estudos voltado à compreensão das práticas comunicativas populares. Influenciado pelas hipóteses de Lazarsfeld e Katz, ele se opõe à ideia de onipotência da mídia ao destacar o protagonismo das comunidades na mediação dos conteúdos. Sua formulação teórica ganha contornos mais precisos com a definição da folkcomunicação, como o “processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2001, p. 65), reconhecendo a importância das formas de comunicação locais, tradicionais e orais na construção das identidades culturais.

Tanto no campo da pesquisa e do aprofundamento teórico - com estudos como os de José Marques de Melo, Osvaldo Trigueiro, Cristina Schmidt e outros pesquisadores da área - quanto nas práticas desenvolvidas pelos agentes desse sistema, observa-se uma ampliação das formas de atuação da folkcomunicação com o uso das tecnologias digitais. A democratização do acesso à internet e às plataformas online tem possibilitado que ativistas do sistema folkcomunicacional mobilizem estratégias capazes de engajar

audiências, fortalecer vínculos comunitários e dar visibilidade a vozes e culturas em um cenário marcado pela globalização e pela conectividade.

O ativista midiático do sistema folkcomunicação utiliza seu conhecimento das culturas locais para narrar histórias que conectam o tradicional ao contemporâneo, moldando produtos midiáticos de acordo com os interesses de sua comunidade. Segundo Trigueiro (2008), ele pode “operar nas esferas informais da produção cultural popular e nas esferas institucionais, realizando as conexões entre as experiências do seu mundo e as de outros notadamente ao vivo, pelo rádio e pela televisão” (TRIGUEIRO, 2008, p. 49).

A folkcomunicação, portanto, não opera à margem das transformações culturais contemporâneas, mas participa ativamente delas. Ao se apropriar dos meios digitais para comunicar narrativas populares, como os casos, lendas e memórias orais compartilhadas nos podcasts analisados, ela passa a compor um cenário no qual os limites entre o popular e o midiático, o local e o global, o tradicional e o tecnológico são constantemente renegociados. A escuta digital dessas histórias, mediada por dispositivos móveis e plataformas de áudio, não rompe com a oralidade tradicional, mas a reinventa, ampliando seu alcance e suas possibilidades expressivas.

Essa apropriação das tecnologias digitais para veicular narrativas enraizadas na tradição popular permite, ainda, uma leitura a partir da perspectiva da hibridização cultural proposta por Canclini (2003). Assim, ao observar tal contexto, é possível compreender que a transposição das histórias de tradição oral para o formato de podcast configura a criação de uma paisagem cultural híbrida. Esse processo insere elementos tradicionais em diálogos globais e reafirma a visão do autor sobre as possibilidades de hibridização, que não excluem, mas ampliam os horizontes das práticas culturais. Entretanto, como destaca o próprio autor, essa hibridização não ocorre de forma isolada: ela se desenvolve em contextos marcados por assimetrias sociais, disputas simbólicas e apropriações desiguais dos meios de produção cultural.

O conceito de transmediação torna-se, nesse contexto, um aliado importante para compreender como essas narrativas híbridas circulam e se expandem em ambientes digitais. A transmediação permite que cada rede ou plataforma digital ofereça uma contribuição única à narrativa maior, criando diferentes pontos de entrada para o público. Jenkins (2006) define esse fenômeno como “transmedia storytelling”, em que cada meio de comunicação traz um aspecto complementar da história, enriquecendo a experiência do receptor. Não raramente, o ativista “folkmediático” mobiliza essa multiplicidade de linguagens

para compor histórias que rompem as limitações de um único suporte, favorecendo a comunicação de narrativas a distintos contextos culturais e tecnológicos.

Já no caso específico dos podcasts, marcados pelo crescimento do formato e pelo engajamento com produções narrativas, observa-se o surgimento de novas possibilidades de interação com outras redes e formas de apresentação que até recentemente sequer eram vislumbradas (KISCHINHEVSKY, 2024). Esse cenário convida à reflexão sobre as práticas folkcomunicacionais desenvolvidas nesse ambiente, em que os relatos populares ganham novas vias de circulação, alcance e construção de audiência. Nesse sentido, as plataformas de áudio não apenas ampliam o acesso às narrativas tradicionais, mas também transformam as maneiras de narrá-las e compartilhá-las, favorecendo o diálogo entre formas de comunicação popular e as dinâmicas digitais contemporâneas.

Metodologia

Após um processo de busca por palavras-chave na plataforma Spotify durante o período de dezembro de 2023 e janeiro de 2024, foram identificadas 43 produções com a temática relacionada a lendas, mitos e folclore na plataforma. Para melhor compreensão do foco das produções, os dados foram categorizados considerando, inicialmente, as seguintes descrições: narrativas de povos originários; conteúdos de identidade regional; produções voltadas a discussões de mitologias antigas específicas; ancestralidade e espiritualidade afro-brasileira e perspectivas múltiplas sobre cultura popular.

Após a organização inicial das produções identificadas sob uma perspectiva intercultural e identitária, foi realizada uma nova etapa, em que as produções foram categorizadas com base em eixos estruturantes, tendo como referencial metodológico a proposta de Viana e Chagas (2024). Entre as categorias Leitura, Narrativo, Entrevista, Debate, Relato, Instrutivo e Remediado, foram observadas duas produções que possuem narrativas construídas a partir da mediação com a audiência. Essas interações ocorrem através de plataformas como Instagram e Facebook, onde os ouvintes são incentivados a participar ativamente enviando áudios ou mensagens de texto com relatos e histórias.

No contexto da análise das interações com a audiência nas produções categorizadas, *Lendas do Recife* e *Poranduba* emergem como exemplos significativos, embora apresentem abordagens distintas quanto à incorporação

de contribuições dos ouvintes. *Lendas do Recife*, lançado em 2023, é composto por quatro episódios, e a narrativa de três deles é integralmente construída com relatos de histórias assombradas enviadas pelos ouvintes, tornando a mediação com a audiência um elemento central e constante. Em contraste, *Poranduba*, com um vasto acervo de 111 episódios disponíveis durante o período analisado, apresenta dois episódios nos quais as narrativas são construídas a partir de relatos enviados pela audiência, com participação ativa do produtor e inserção de elementos sonoros e parassonoros.

No quadro a seguir, as narrativas cujas interações com a audiência se fizeram presentes de forma direta são apresentadas a partir da produção a que pertencem, com informações de data de publicação, nome do episódio e tempo de duração.

Quadro 1: narrativas construídas com a voz da audiência

Nome do podcast	Data de publicação	Nome do episódio	Tempo de duração
<i>Lendas do Recife</i>	28 set. 2023	Ex-namorado Fantasma	03min51seg
<i>Lendas do Recife</i>	28 set. 2023	Casa da botija é real ou não?	03min24seg
<i>Lendas do Recife</i>	28 set. 2023	A mulher do algodão	54seg
<i>Poranduba</i>	01 nov. 2020	Causos de Saci	49min45seg
<i>Poranduba</i>	04 jun. 2021	Causos de Lobisomem	01h05min17seg

Fonte: Autoria própria

Tendo em vista principalmente a articulação entre territórios e a incorporação de múltiplas vozes em uma mesma narrativa, optou-se por concentrar a análise nos dois episódios do podcast *Poranduba*. A escolha da produção é relevante também por sua longevidade, com o primeiro episódio publicado em 2018, e pelo volume expressivo de conteúdos publicados. Com mais de cem episódios, o podcast não apenas mantém uma frequência de publicações como também incorpora pautas sugeridas por ouvintes, evidenciando uma dinâmica participativa que influencia a forma em que os temas serão abordados e reforçando o caráter dialógico da produção.

A audiência se transforma em contador

Neste contexto, não temos pessoas em volta da fogueira ouvindo histórias que fluem das bocas dos mais velhos. Temos postagens no Instagram e Facebook, com chamadas como: “Já viu um saci? Conhece quem viu?” ou

ainda: “Tem um causo de lobisomem brasileiro? Conhece quem viu o bicho?”. Em seguida, vem o convite: “Envie em áudio para nosso WhatsApp! Sua história pode ir para o podcast Poranduba”. Esse chamado marca o ponto de partida para a análise da reconfiguração do papel do contador de histórias no contexto da transposição para a paisagem digital.

Imagem 1: O convite



Fonte: Instagram (@coleccionadordesacis)

As publicações e postagens observadas algumas semanas após o convite indicaram que as histórias compartilhadas deram vida às narrativas digitais. Em uma delas, por exemplo, lê-se: “Na madrugada de quinta para sexta-feira ele chegou, tal qual o próprio mito. Poranduba 98 - Causos de Lobisomem! Só com histórias enviadas pelos nossos ouvintes e comentadas a partir da bibliografia folclórica”.

Imagem 2: Postagens de anúncio dos episódios



Fonte: Instagram (@coleccionadordesacis)

Os episódios em questão são tecidos e apresentados por Andriolli Costa a partir de relatos, memórias e histórias enviadas pelos ouvintes, marcadas por símbolos, crenças e saberes de diferentes comunidades, lugares e temporalidades. Esse envolvimento dos ouvintes, que não apenas recordam, mas também organizam suas memórias em forma de relato, revela uma participação ativa na construção do conteúdo. É nesse ponto que a dinâmica dos episódios se alinha ao que Jenkins (2006) chama de cultura participativa: uma lógica em que as fronteiras entre quem produz e quem consome se fundem, dando lugar a formas colaborativas de criação e circulação das narrativas.

A dinâmica participativa observada nos episódios analisados evidencia o que Canclini (2003) descreve como a reconfiguração dos fluxos informacionais nas sociedades contemporâneas. Os relatos enviados pelos ouvintes são exemplos de como memórias locais, antes restritas a circuitos orais e familiares, agora atravessam fronteiras simbólicas e tecnológicas, ocupando espaços midiáticos digitais. A mediação proposta pelo podcast não apenas acolhe essas vozes, como também reorganiza os modos de circulação da informação e de produção das identidades coletivas, em consonância com os processos de hibridização entre o local e o global observados pelo autor.

Os relatos, por sua vez, não são histórias isoladas que possuem em comum apenas a questão do personagem principal, como o saci ou o lobisomem. Embora esse seja o fio condutor aparente, o que de fato se mobiliza nesses

relatos ultrapassa o próprio personagem. São memórias que acionam vivências, experiências transmitidas oralmente, marcas afetivas e culturais que se entrelaçam no ato de contar. Contar um caso de lobisomem, por exemplo, não é apenas falar sobre uma criatura sobrenatural, mas reencenar modos de viver, formas de se relacionar com o território, com o tempo e com os saberes partilhados na comunidade. É nesse movimento que os relatos carregam marcas culturais e regionais de quem os compartilha, que, diante da chamada feita nas redes, atravessam fronteiras simbólicas e tecnológicas para manter vivas histórias que circulavam em família ou na comunidade. Como Halbwachs (1990) argumenta, a memória individual só pode existir em diálogo com os grupos sociais aos quais pertencemos. Quando os participantes enviam um áudio ou escrevem uma mensagem dizendo “vou contar a história que ouvi do meu avô”, o que está em jogo não é apenas o enredo, mas todo um modo de viver e lembrar, que passa a ser compartilhado.

Essas memórias, ao se tornarem relatos compartilhados, ganham novo alcance. O podcast desencadeia esse processo de rememoração coletiva e atua como espaço de escuta e de reorganização da experiência, a cada história narrada. Como sugere Benjamin (1987), o narrador é aquele que transmite experiências vividas, sedimentadas no tempo, e que carrega consigo o saber do coletivo. A estrutura do podcast favorece a esses relatos que ganhem uma nova forma de partilha e escuta, compondo episódios em que a diversidade das vozes se entrelaça em um novo formato narrativo.

A presença de relatos que retomam memórias culturais e crenças populares de diferentes regiões evidencia como narrativas tradicionalmente associadas a contextos orais ganham nova configuração ao circular em plataformas digitais. Esses relatos exemplificam os modos híbridos de produção simbólica descritos por Canclini (2003), em que elementos do tradicional e do contemporâneo, do local e do global, passam a coexistir em circuitos comunicativos mediados pela tecnologia.

Já a escuta dos episódios, nesse contexto, ganha camadas de sentido que vão além do relato em si. A entonação de quem narra, o sotaque, os silêncios e até os ruídos do ambiente em que se grava carregam marcas de afeto, pertencimento e memória. Esses elementos compõem uma paisagem sonora que aproxima o ouvinte da história contada e de quem a viveu. Ao escutar um relato enviado de forma espontânea, com hesitações ou risos contidos, o ouvinte não apenas entende o conteúdo: ele sente a presença de quem conta.

Essa dimensão sensível da escuta faz parte da própria tradição oral, em que o som é veículo de conhecimento, afeto e identidade (ONG, 1998). Ao trabalhar com esses elementos na narrativa, o podcast atualiza formas ancestrais de narrar. Como aponta Schafer (1991) ao discorrer sobre a paisagem sonora, aquilo que se escuta informa não apenas o conteúdo, mas todo um modo de vida que ressoa por trás do som.

Dentre os relatos, há quem conte com um ritmo lento e marcado, ou com um tom nervoso como o de quem revive o susto enquanto narra. Assim, cada história carrega não apenas o enredo, mas uma forma de sentir e lembrar. Há quem ria durante a fala e quem encerre com frases que reafirmam, em tom categórico e cheio de verdade, que aquilo aconteceu: “e cês acredita, porque é verdade”. Há também quem situe o momento da gravação como parte do próprio enredo, dizendo que estava gravando numa Sexta-Feira Santa, a mesma data em que o assombro teria ocorrido. Esses detalhes, tão próprios da fala cotidiana, atravessam o relato com marcas de tempo, emoção e pertencimento. Ao reunir essas vozes, o podcast se torna mais do que um repositório de causos: assume a forma de um ritual contemporâneo de escuta, em que cada narrativa evoca não só o conteúdo da experiência, mas também o gesto de contá-la mesclando o tempo presente com a memória do passado. Escutar, nesse contexto, é partilhar de uma celebração coletiva do imaginário popular, onde a tradição não apenas resiste, mas se reinventa.

As histórias compartilhadas nos episódios partem de experiências vividas por quem as relata ou foram transmitidas por pessoas que mantêm (ou mantinham) vínculos profundos com aqueles de quem viveram essas narrativas, ilustrando a dinâmica da transmissão cultural. Esse processo de transmissão cultural, muitas vezes ancorado em vínculos familiares ou comunitários, se manifesta em relatos como o que segue. Trata-se de uma história enviada por um ouvinte morador de Armação dos Búzios (RJ) que, por sua vez, a ouviu sendo contada por uma liderança quilombola local, que revela como as memórias circulam e se mantêm vivas no interior de comunidades historicamente marcadas por formas próprias de organização e pertencimento.

Eu vou contar uma história que eu ouvi da dona Uia, líder do quilombo da Rasa, no município de Armação dos Búzios, no Rio de Janeiro, que é onde eu moro. Ela conta que ela tinha um primo lobisomem, que todo mundo sabia que ele era lobisomem, só a mãe dele que não queria acreditar e não queria aceitar (Podcast Poranduba, 2021, Causos de Lobisomem).

O relato, ao rememorar a fala de uma liderança quilombola local, não apenas registra uma história, mas reconstrói uma forma coletiva de lembrar. Ao ser

compartilhado em um podcast, essa memória comunitária se desloca para outra esfera de circulação, onde tradições orais ganham novas formas de permanência. Como afirma Trigueiro (2013): “são várias as zonas de mediações, mas os processos de comunicação e a dinâmica cultural são acelerados pelas redes midiáticas, recriando novas instâncias de negociações entre a produção e a emissão de bens simbólicos” (p. 853).

Por fim, é importante destacar que Causos de Lobisomem foi gravado e lançado em um momento marcado pela pandemia de COVID-19. Essa temporalidade torna-se crucial, já que algumas das histórias enviadas pelos ouvintes e compartilhadas no podcast foram contadas durante um período de perdas, distanciamentos e incertezas. Isso confere às narrativas um lugar fundamental para a preservação da memória. Em um contexto de tensão, diante da negligência e do silenciamento das dores que acometeram grupos subalternos por parte de governantes e da mídia tradicional, contar essas histórias tornou-se uma forma de reafirmar a presença e o valor daqueles que não apareceram nos noticiários. Como destaca Schmidt (2006), “a própria segregação social impõe aos grupos populares - rurais e urbanos -, durante toda a história, uma condição de busca de mecanismos para diálogo e resistência” (p. 36-37). Essas narrativas, nesse sentido, emergem como um desses mecanismos, oferecendo escuta, reconhecimento e reafirmando os sentidos coletivos que resistem ao apagamento social e simbólico desses grupos.

A pandemia, que castiga especialmente os mais velhos, tira de nós a oportunidade de estar com esses mestres da cultura popular por mais tempo. Separo essa história para deixar aqui também um momento de homenagem às vítimas da COVID-19, às vítimas do abandono, do descaso dos poderosos, e com uma lembrança de que enquanto suas histórias viverem, eles nunca serão esquecidos (Podcast Poranduba, 2021, Causos de Lobisomem).

Como bem aponta Edison Carneiro (2008): “Através do folclore, o povo se faz presente na sociedade, se afirma no âmbito da superestrutura ideológica - e nela encontra a sua tribuna” (p. 25). No contexto do episódio, não apenas o folclore serve como essa tribuna, mas o próprio podcast também. Ao se tornar um espaço para dar voz a essas pessoas, amplia as possibilidades de circulação dessas histórias, oferecendo-lhes visibilidade e permanência. Assim, a perpetuação dessas narrativas não apenas mantém vivos os mitos, mas também ressignifica as pessoas e as memórias por trás deles, conferindo-lhes uma nova dimensão no tempo presente.

Considerações finais

Ao investigar o processo de transposição de histórias da tradição oral para o ambiente digital por meio dos episódios de *Poranduba*, compreende-se que as narrativas digitais construídas a partir dos relatos dos ouvintes adiciona uma nova dimensão às formas de contação de histórias da cultura popular. A partilha das narrativas, mediada por plataformas digitais e redes sociais digitais, reconfigura práticas de transmissão e ativa dinâmicas de memória coletiva. Esse deslocamento das histórias, transmitidas tradicionalmente de forma oral para o digital, não rompe com o passado, mas reinscreve modos de narrar, de lembrar e de pertencer, em diálogo com experiências locais e atravessamentos contemporâneos.

Essa reinscrição narrativa também ressignifica a própria escuta, que ganha densidade simbólica. Não se trata apenas de consumir um conteúdo, mas de partilhar afetos, reconhecer modos de vida, dar lugar à presença de vozes que, muitas vezes, permanecem à margem dos registros oficiais. O ato de escutar um relato, com seus silêncios, sotaques e hesitações, aproxima quem ouve daquilo que é narrado, e transforma o podcast em um espaço de reconstrução coletiva da memória. Essa dimensão sensível evidencia que a oralidade não desaparece diante da tecnologia: ela se reinventa.

Ao intermediar essas vozes, o narrador assume a função de um agente folkcomunicação que, ao mesmo tempo em que dá forma à narrativa, conecta repertórios e reorganiza sentidos. Não se trata apenas de contar histórias, mas de mediar experiências compartilhadas e de articular elementos culturais em um novo arranjo discursivo que conjuga tradição, memória e crítica social. Nesse gesto, o contador de histórias digital assume um papel político e cultural.

Ao lado da mediação exercida pelo narrador, destaca-se ainda a importância das narrativas que incorporam múltiplas vozes. Ao permitir que os ouvintes compartilhem relatos pessoais e memórias familiares, *Poranduba* opera como um dispositivo de escuta coletiva que acolhe experiências diversas e reafirma a centralidade da participação na construção simbólica da cultura. A convergência de mídias e as estratégias transmídia ampliam significativamente os modos de circulação dessas narrativas, fortalecendo sua presença em contextos contemporâneos e contribuindo para a permanência de práticas culturais que, muitas vezes, sobrevivem pela oralidade e pela partilha.

Diante das dinâmicas observadas torna-se evidente a importância de novos estudos que aprofundem outras dimensões desse fenômeno. O uso de bens

simbólicos midiáticos nas narrativas, a recepção por parte do público e o funcionamento do mercado de podcasting no Brasil são apenas alguns dos aspectos relevantes para serem estudados. Ao se tornarem parte de um ritual contemporâneo de escuta, os podcasts podem não apenas manter vivos os mitos e causos da tradição popular, mas também ressignificar as pessoas e as memórias por trás deles, conferindo-lhes novas formas de permanência e visibilidade no presente.

Bibliografia

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares da informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3º. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BONINI, T. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, v. 11, n. 1, 3 jul. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2003.

CARNEIRO, Edison. **A dinâmica do folclore**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3º. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JENKINS, Henry. **Convergence culture**: Where old and new media collide. New York, NY: New, 2006.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura do Podcast**: reconfigurações do rádio expandido. Rio de Janeiro, Editora Mauad X, 2024.

LENDAS DO RECIFE. Podcast disponível na plataforma Spotify, em: <<https://open.spotify.com/show/0CecvbXSaz3xiVqkBLh1kk?si=d51b8892ec6f42e7>>. Acessado em: 22 de dezembro de 2023.

MARQUES DE MELO, José. Diálogo com Beltrão. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. Ponta Grossa, v. 16, n.37, p. 11-76, 2018. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/issue/view/838>>. Acesso em: 15 mai. 2024

MURRAY, Janet, H. **Hamlet no Holodeck**. São Paulo: Unesp, 2003.

ONG, Walter J. **Oralidade e Cultura Escrita**. São Paulo: Papirus, 1998.

PORANDUBA. Podcast disponível na plataforma Spotify, em: <<https://open.spotify.com/show/5EkAd1ynFougZz1z4iZGI1?si=6-6gpnAPTWGMMINjUhiQ0g>>. Acessado em: 08 de dezembro de 2023.

SCHMIDT, Cristina (Org.). **Folkcomunicação na Arena Global**: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.

TRIGUEIRO, Osvaldo M. Folk-Ativismo segundo Osvaldo Trigueiro. In: **Metamorfoses de folkcomunicação**: antologia brasileira. Org. José Marques de Melo, Guilherme Moreira Fernandes. São Paulo: Editae Cultura, 2013. 695-702.

TRIGUEIRO, Osvaldo M. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático**. João Pessoa, Editora UFPB, 2008.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. O ativista midiático da rede folkcomunicacional. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. Ponta Grossa, v. 4, n.7, p. 1-13, 2008. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18667> >. Acesso em: 02 jul. 2024

TRINCA, Mayra D.; FIGUEIREDO, Simone P. de. Formatos de Podcasts: uma nova proposta de classificação baseada em estruturas. **Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2022.

VIANA, Luana; VAZ CHAGAS, Luã José. Categorização de podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais. **Observatório** (OBS*), [S. l.], v. 1º de janeiro de 2024. DOI: 10.15847/obsOBS18120242369. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/2369> >. Acesso em: 15 nov. 2024.

VIANA, Luana. **Jornalismo narrativo em podcast: Imersividade, dramaturgia e narrativa autoral**. Florianópolis, Editora Insular, 2023.

Recebido em: 31/03/2025

Aceito em: 23/06/2025